

A relação com escrita: a tensão entre caminhar para o outro e para si

Ecleide Cunico Furlanetto

Professora do Mestrado em Educação/
Universidade Cidade de São Paulo (UNICID)

ecleide@terra.com.br

*O que o estudo quer,
a escrita,
demorar-se
na escrita,
alcançar
talvez
a própria escrita.
(Jorge Larossa0*



a escrita permeia a nossa vida, mas nos tempos de escola ganha uma especial importância, pois, além de aprendermos a escrever, construímos sentidos para escrita que podem nos aproximar ou distanciar dela. Os textos escritos nessa época, guardados em cadernos, agendas, boletins, ao serem re-lidos permitem uma compreensão mais ampliada de como os sujeitos tecem sua relação com a escrita e de como a utilizam para “caminhar para o outro e caminhar para si”.

Com base em uma re-leitura de dez cadernos, seis agendas-diários e seis boletins contendo auto-avaliações de uma aluna, escritos durante os anos de 1982 a 1993, anos em que cursou o Ensino Fundamental e Médio, pretendemos tornar visíveis algumas dimensões do processo de construção da relação com a escrita. A autora dos escritos participou da re-leitura do material. Pesquisadora e autora transformaram-se em companheiras de investigação, juntas puderam recuperar experiências, dialogar e elaborar um ponto de vista conjunto para o sentido que a escrita assumiu nos tempos de criança e assume, atualmente, na vida da mulher adulta.

Elegemos uma questão norteadora que nos auxiliou na análise do material. Qual o sentido que a escrita teve para você nas diversas etapas de sua vida? Procurando refletir sobre essa questão, Renata reviu seu material há muito tempo guardado. Dispusemos o material sobre o chão e começamos a folhear, cadernos, boletins e agendas. Lembranças entrelaçadas às emoções foram brotando.

Os cadernos

A letra desenhada e acanhada dos cadernos revelou as primeiras escritas. Escolhemos analisar os cadernos de redação, pois acreditávamos que por meio da escrita de redações, Renata teria revelado seu mundo infantil. Retomamos a pergunta qual o sentido que a escrita tinha para ela nessa etapa de sua vida.

Lendo, me dá a sensação que a escrita era algo técnico, sem sentido, parece que eu copiava. Olhe! Umas histórias do Beto, Ana e Beni, quem são esses? Tenho a sensação que a escrita estava dissociada de mim, não me reconheço nessas histórias. Parecem tarefas escolares. Os diálogos são tão estereotipados. (RENATA)

Larrossa (2003) diz que o estudante “Lê o que escreveu. Suas palavras parecem-lhe alheias, quer dizer, que as entende ou não, que lhe agradam ou não, que está de acordo ou não. Como se não fossem suas. Embora às vezes de ninguém, tão de ninguém que poderiam ser de qualquer um, suas também”.

As duas séries iniciais tinham sido cursadas em uma escola considerada tradicional. Muitos cadernos foram preenchidos e todos cuidadosamente encapados e organizados.



Para olhos desavisados, a quantidade e a organização dos cadernos poderiam ser consideradas sinais de que essa escola, ao privilegiar os conteúdos, comprometia-se com a aprendizagem de seus alunos. No entanto, uma análise mais detalhada e criteriosa tornava evidente que as tarefas pautavam-se na cópia e as questões formuladas, na maioria das vezes, solicitavam que os alunos retirassem informações contidas em textos mimeografados que se encontravam colados nos cadernos.

Estou olhando a forma como eles ensinavam a escrever, não entendo nada de Pedagogia, mas era tão bobo. Colocar figuras mimeografadas e ensinar você fazer diálogos. Acho que eles não se importavam com o que a gente escrevia, desde que fosse correto, isto é graficamente correto. Em algumas redações a professora escrevia: boas idéias! Mas que estranho as idéias não eram minhas e sim dela. As histórias não têm fim, parecem relatos sem graça. A professora só aparece para corrigir, não existe diferença entre ela e o corretor do word. (RENATA)

Algo chamou atenção de Renata, ela descobriu as margens do caderno. Era como se essas fossem um território livre, nas quais a criança pode deixar suas marcas.

Algo me está chamando atenção! São os desenhos! Ao lado das redações têm uns desenhinhos, umas pessoinhas. Olhe a quantidade de cor que eu colocava. Cada redação tinha desenhos de cores diferentes. Eu queria deixar uma marca pessoal, mas só podia ser nas margens, para mim isso tem significado, não os conteúdos estereotipados das histórias. (RENATA)

Atualmente, ela é arquiteta, e diz que sua forma de expressão preferida é o desenho, é através dele que ela se comunica e expõem suas idéias.

As auto-avaliações

Renata abandonou os cadernos e foi em busca de seus boletins. Eles fazem parte de um momento singular em sua vida. No final da 2ª série, foi transferida para outra escola. Dessa etapa, restaram os boletins, segundo Renata, eles pareciam ter mais valor do que os cadernos e por isso foram guardados. Neles, bimestralmente, ela escrevia uma auto-avaliação, a professora escrevia uma avaliação descritiva para cada aluno e os pais, ao invés de assinarem, registravam suas impressões sobre o processo de desenvolvimento de seus filhos.

Renata acolheu o material com muito carinho, ele parecia trazer recordações mais vivas e intensas. Sugeri que analisássemos o boletim da 3ª série, o primeiro a ser escrito. Ela começou a lê-lo em voz alta.

Estou adorando a nova escola. Estou bem em todas as matérias. Estou gostando muito de Artes porque eu posso fazer trabalhos muito bonitos. Adoro Português porque sou boa. Adoro Matemática, principalmente a multiplicação. Adoro Estudos Sociais, a parte que

mais gostei foi o Estudo do Meio que fizemos para Embu. Adoro ir para o laboratório na aula de Ciências. (RENATA)

Ela riu ao constatar quantas vezes repetiu que adorava as disciplinas escolares. O material da escola anterior revelou uma aluna aplicada comprometida com as tarefas, mas não foi possível encontrar a Renata. Ela só pôde se manifestar por meio de pequenos desenhos feitos nas margens dos cadernos. As auto-avaliações permitiram que ela descobrisse uma nova função para a escrita. Dessa forma, pode se apossar de seu processo de aprendizagem e dos sentidos que ele estava tendo para ela.

Parece que os jeitos de escrever são diferentes nas duas escolas. Eu estava feliz na escola nova e precisa dizer e repetir isso. Eu me lembro da 3ª série, foi um ano difícil, de muitas adaptações, mas foi muito bom porque a tia Rosaly¹ estava do lado ajudando muito. Pelo que está escrito, me dá uma sensação de liberdade, eu posso dizer o que sinto, tem a ver com o meu jeito de ser. No outra tudo era tão certinho, não havia espaço nem para errar. Vejo que a escrita me possibilitou entrar em contato comigo mesma. (RENATA)

A análise feita por Renata permite compreender que a escrita pode assumir diferentes sentidos no ambiente escolar e estes refletem concepções distintas de ensinar e aprender. Na nova escola, sopravam outros ares, o aluno tinha voz, era estimulado a refletir sobre seu processo de aprendizagem e a também a entrar em contato os que os outros pensavam a esse respeito. A

¹ Professora da 3ª série

Renata espremida nas margens se expande e começa ensaiar dizer o que pensa. Inicialmente, só consegue dizer que adora todas as matérias, mas ao lermos seus boletins do final do Ensino Fundamental, descobrimos que a escrita vai ganhando outras funções.

Olha que divertido, na 8ª série já escrevo de um jeito diferente, mas o que continua me impulsionando a escrever e poder expressar o que gosto e não gosto. Leu em voz alta, “Para mim esse negócio de nota de atitude é furado. Principalmente na nossa classe que é bagunceira. Nossas notas baixaram, mas elas não refletem o que sabemos. A bagunça prejudicou nossa classe. Acho também que não se deve proibir as meninas de ir para o recreio do Colegial, por que os meninos podem e a gente não?” Aprendi a defender meus direitos. A escrita permite saber o que sinto e penso e defender meus pontos de vista.
(RENATA)

As agendas-diários

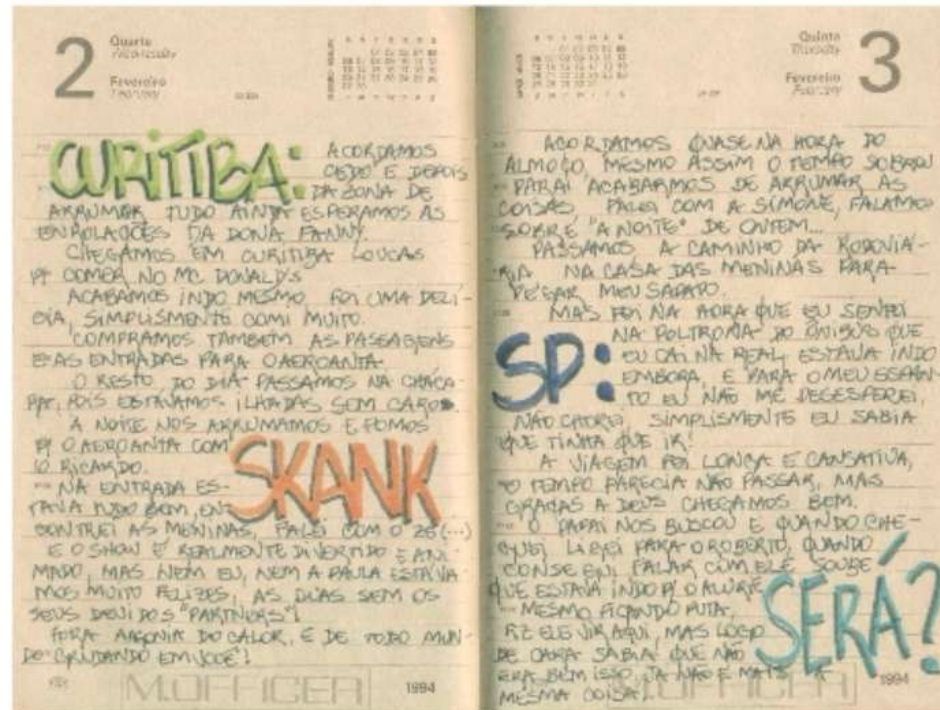
Referindo-se aos seus diários Pessanha diz que ao escrevê-los “buscava algum epicentro debaixo de minha pele e, por isso, eu tinha os meus diários; eles não eram comparáveis à velhinha que abre suas caixas de memórias, mas a viagem do exilado buscando residência.” (2000, p.22)

Os agendas-diários não foram escritos para a escola, mas estavam encharcados dela. Neles a escrita, tantas vezes ensaiada, ganha asas e voa liberta das amarras escolares. O folhear das agendas fez Renata voltar ao mundo da adolescência. Parte de sua história de vida foi registrada

em seis agendas escritas de 1989 a 1994. As primeiras agendas eram coloridas, desenhadas continham colagens e códigos para que os segredos não fossem revelados. Elas refletem o início da adolescência que explode em uma profusão de cores. Renata diz que escrever possibilitou entrar em contato com tudo isso.

As agendas foram um delírio de emoções. As mais antigas têm muitas colagens, muitas imagens. Escrevia em código, morria de medo que os meninos lessem minha agenda. Tem muito desejo, fantasia, podia falar de coisas que gostaria de viver sem a preocupação de estar sendo ridícula. Tem uma fase que você tem medo de se mostrar. A agenda era um lugar que você tinha coragem de por tudo o que sentia. Elas foram minha primeira análise, melhor auto-análise. Era uma maneira de eu organizar o meu mundo, naquela época não tinha consciência disso, mas hoje revendo minhas agendas, faço essa descoberta. O espaço da agenda foi o primeiro espaço de escrita só meu, podia fazer do jeito que estava com vontade. As cores que usava tinham a ver com o momento. Era um espaço para pensar sobre a vida. A compra de um CD era pensada, elaborada como um grande dilema existencial. (RENATA)

seu grupo de amigos. Ela descreve os acontecimentos e as marcas que deixaram. As últimas agendas, elaboradas no final do colegial, apresentam uma organização diferente. A escrita adquire o formato de texto e as cores e os desenhos diminuem. Renata diz que nessa época já era possível ter mais clareza a respeito do que estava vivendo. E tranquilidade para registrar.



Escrever nessa época tinha o sentido de uma apropriação, de condensar o vivido. Uma necessidade de que algo saia de você por meio da escrita, fique um pouco distante para que você possa se apossar dele, mas que fique guardado. A escrita permite transitar no tempo, é um jeito de você poder olhar para atrás e lembrar do que fez e do que foi importante. Dessa forma você vai descobrindo quem é. Eu me lembro de ficar indo e vindo

entre as agendas, entre os meus escritos. Era um jeito de eu guardar a vida e de ter um pouco de controle sobre ela. (RENATA)

No tempo de escola, sentia que as coisas não aconteciam, era como um tempo de espera. A vida tinha que ser descoberta dia a dia. No meio dos relatos iam aparecendo as perguntas existenciais que possibilitavam dar asas a imaginação. Hoje, ela sente que as coisas acontecem e ela não precisa escrever para ter ciência disso. Ela prefere falar, tem mais clareza de quem é, do que quer e de para onde deseja caminhar.

Olhando o material espalhado, constatamos que ele continha fragmentos da história de sua escrita. Revisitá-lo tinha nos possibilitado recuperar alguns sentidos que a escrita assumiu em sua vida e hoje, qual o sentido que a escrita tem na vida de Renata?

A minha profissão tem uma expressão diferente, eu me expesso profissionalmente por meio do desenho. Eu lido com a escrita para gerenciar informações. Desenvolvi uma capacidade muito grande de escrever sobre mim mesma de expressar meus sentimentos, mas me sentia insegura ao utilizar a escrita para me comunicar com os outros por meio da escrita. No início de minha vida profissional tinha medo de escrever. Olhando meus primeiros cadernos, senti que o início de minha relação com a escrita não foi estimulante, talvez se tivesse aprendido a escrever de outra forma eu me sentisse mais a vontade. A escrita hoje tem um valor de comunicação, eu me comunico muito com os clientes e fornecedores via e-mail. Eu preciso fazer circular inúmeras informações para que os projetos possam acontecer. (RENATA)

Renata foi descobrindo que desenvolveu uma escrita entremeada de emoções, e sentimentos, na qual é possível se expressar sem censura. Colucci (2002), retomando Freud, faz referência a uma “escrita que conduz a pena” que brota sob impulsão e é caracterizada pelo jorro e pela potência do novo. Uma escrita não planejada que vai se mostrando na medida em que se realiza. Há algo para dizer que necessita ser dito. Há algo informar que necessita se configurar “trata-se de uma escrita que tem urgência porque ela se impõe como necessária para pronunciar algo” (COLUCCI, 2002, p.385) Os relatos de Renata sobre a maneira de escrever suas agendas exemplificam esse tipo de escrita, mostram alguém pressionada a escrever diariamente, durante seis anos.

No entanto, ao assumir uma profissão, foi requisitada a escrever de uma maneira diferente. Frente a essa demanda, Renata sentiu-se ameaçada, a escrita experimentada como impulso que conduz a revelia, devia ceder espaço para uma outra forma de escrever. Ela faz referência à necessidade de se comunicar e para que isso seja possível, é importante escrever de forma clara e concisa e sente que o trabalho escolar, ao privilegiar a escrita de textos narrativos e argumentativos não a preparou para essa dimensão da escrita.

Atualmente, as agendas foram substituídas pelo computador pessoal que assume o papel de guardar os fragmentos da vida. Diferentes linguagens, mais em consonância com os tempos atuais, substituem a escrita. Músicas, fotos, imagens e desenhos testemunham, hoje, sua história.

Ao olharmos para esses múltiplos espaços e tempos de escrita, foi possível observar a existência de uma tensão entre escrever para si e para o outro. A primeira escola ao tentar aproximar Renata do mundo do conhecimento, afastou-a de seu próprio mundo ensinando-a a escrever para a escola. Ao mudar de escola, descobriu e desenvolver uma escrita própria e subjetiva que permitiu que elaborasse suas vivências de adolescente em travessia entre a infância e a idade adulta.

A Renata adulta parece ter que enfrentar o desafio de transitar entre os territórios da escrita objetiva e subjetiva. Para isso, é necessário aprender a transitar entre outras polaridades tais como mostrar e guardar; repetir e criar; obrigação e desejo; emoção e razão; prazer e desconforto e angústia e satisfação que permeiam o ato de escrever.

Referências bibliográficas

COLUCCI, Vera Lúcia, Impulsão para a escrita: o que Freud nos ensina sobre fazer uma tese. In (Org.) BIANCHETTI, L. e MACHADO, A.M.N. *A bússola do escrever*. Florianópolis: Ed. da UFSC; São Paulo: Cortez, 2002.

LARROSA, Jorge. *Estudar - Estudiar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PESSANHA, Juliano Garcia. *Ignorância do sempre*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.